



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

No rastro da tartaruga: ubuntu e o ensino de filosofia em Mogobe Ramose Renato Nogueira

Como citar: NOGUERA, R. No rastro da tartaruga: ubuntu e o ensino de filosofia em Mogobe Ramose. *In*: VELASCO, P. D. N. (org.). **Ensino de – qual? – Filosofia: ensaios a contrapelo**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 331-342.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p331-342>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

NO RASTRO DA TARTARUGA: UBUNTU E O ENSINO DE FILOSOFIA EM MOGOBE RAMOSE

Renato Nogueira¹²⁶

1. Introdução: a tartaruga em questão

Um ensaio filosófico sempre traz desafios que só descobrimos depois que começamos o percurso. Diante de duas questões – o que é a filosofia ubuntu de Mogobe Ramose? E, a partir do pensamento ramoseano, quais as possibilidades do ensino de filosofia? – nós somos

¹²⁶ Doutor em Filosofia (UFRJ). Professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES), do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) e do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de Filosofia (Práxis Filosófica). Coordena o Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias (Afrosin) e integra o núcleo de sustentação do grupo de trabalho da ANPOF “Filosofar e Ensinar a Filosofar”.
<https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p331-342>

confrontados e provocados a enfrentar uma interrogação mais geral que se encontra implícita. Um problema que atravessa as duas perguntas. Nós precisamos revisitar uma questiúncula: o que faz a filosofia africana diferente da filosofia ocidental?

Se tivéssemos que eleger um animal que simboliza a filosofia africana, especialmente o pensamento filosófico ubuntu – não seria o caso de elegermos a coruja. Afinal, esta é um signo ocupado que remete à Atenas – deusa grega da sabedoria. O pensador alemão Georg Hegel enfatizou que a coruja é o símbolo da filosofia (ocidental). Hegel (1999) afirmou que se tratava da coruja de Minerva – versão romana da deusa grega – que só alça vôo ao entardecer.

Aqui, quero sugerir que a tartaruga que protagoniza várias narrativas africanas retrata a filosofia. A menção à tartaruga pode ser vista numa história que faz jus à nossa hipótese.

No tempo em que animais viviam com bichos humanos, um rei precisava encontrar um marido para sua filha. A jovem se chamava Bulumko. Na língua xhosa “bulumko” quer dizer “sabedoria”. O rei colocou uma prova para pretendentes. Ele preparou uma sopa quente com lava de vulcão. A pessoa, fosse humana ou não, que conseguisse tomar a sopa poderia casar com Bulu – a maneira como era carinhosamente chamada. Muita gente tentou tomar a sopa, mas ninguém teve sucesso. Depois de muitos dias em que a sopa se mantinha quente, as tentativas foram todas malfadadas. Até que a tartaruga chegou para pleitear a mão da princesa Bulu. Ela ficou sob olhares de uma multidão de súditas, vassalos e gente estrangeira. Ela pegou a sopa que estava hiper-quente.

- Eu vou tomar essa sopa! – dizendo isso, ela fez questão de mostrar para o rei, para a princesa e passou lentamente a sopa por todo o povo que ali estava. Depois de horas mostrando a iguaria, ela tomou a sopa. Assim ganhou a mão de Bulumko.

A “moral da história” é simples, filosofar requer paciência para poder saborear sem pressa. O saber está no registro do sabor, um exercício que precisa ser realizado sem pressa. A tartaruga remete aos modos de investigação próprios da filosofia. Tartaruga é o símbolo da filosofia, pelo

menos da tradição que vamos apresentar brevemente neste ensaio. Afinal, a tartaruga reúne a paciência suficiente para não se apressar diante das questões, reconhecendo que enfrentar um problema, tomando sua solução abruptamente equivale a “queimar a boca” e não distinguir as camadas de sabores de uma questão.

2. O QUE É UBUNTU?

O que é ubuntu? Nas centenas de línguas faladas no continente africano, a palavra “ubuntu” só existe em quatro línguas: ndebele, swati, xhosa e zulu. Ainda que encontremos palavras sinônimas em outras línguas do tronco bantu, tais como: sesotho, shangaan, vhuthu, tsonga e swahili. Em termos de “senso comum”, não é raro atribuírem ao termo “ubuntu” um sentido genérico de conagraçamento, abraços, concordâncias e ausência de conflitos. A palavra existe na língua zulu. Mas encontramos termos cognatos em diversas outras línguas africanas. A ideia ubuntu aparece em línguas derivadas do tronco linguístico bantu, encontramos termos semelhantes, tais como botho do povo sesotho, numunhu em shangaan; vhuthu em venda; bunhu em tsonga; umntu in xhosa; utu in swahili. Mas, também encontramos em línguas do tronco kwa, tal como no idioma yorubá em que temos a palavra ajobi.

Numa bela roda de conversa durante o *IV Congresso Baiano de Pesquisadoras(es) Negras(os)* realizada de 20 a 22 de Setembro de 2017 na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), tive a oportunidade de convergir ainda mais com o professor de filosofia da Universidade de Brasília (UnB) Wanderson Flor Nascimento. Nós fizemos coro contra os equívocos em torno do conceito de ubuntu. Em primeiro lugar, a tradução “eu sou porque nós somos” traz muitas dificuldades. Afinal, ela opõe “eu” e “nós”. Ubuntu entendido como perspectiva de alteridade se opondo ao “eu” – enquanto território de certeza do Ocidente – funciona como uma estetização exótica do conceito. Vale ressaltar alguns pontos importantes para uma compreensão não estereotipada e romantizada de ubuntu. Não estamos a tratar de um bálsamo mágico e miraculoso que resolve todos os problemas, propondo abraços fraternos de rivais e uma vida comunitária sem crítica.

Incerteza, medo, alegria, tristeza, solidão, companheirismo e boa saúde, são alguns dos fenômenos que definem a instabilidade fundamental do mundo dos vivos. A pergunta é: como é que podemos responder à instabilidade fundamental de ser? Na filosofia ubuntu, um ser humano no mundo dos vivos deve ser um *umuntu*, com intenção de dar uma resposta ao desafio da instabilidade fundamental do ser. (RAMOSE, 1999, p.66).

Ramose argumenta que a condição humana é de instabilidade, constitutivamente a vida e o mundo são instáveis. A filosofia ubuntu declara que o dissenso, a ausência de entendimento, as discordâncias entre as pessoas estão sempre presentes. Vale a pena situar que Mogobe Bertrand Ramose nasceu em 1945 na África do Sul, possui doutorado em filosofia pela Katholieke Universiteit Leuven, da Bélgica. Ramose tem pesquisado áreas da ética e filosofia política sem deixar de lado estudos de ontologia e epistemologia. No século XXI, Ramose tem sido um dos expoentes da filosofia ubuntu. As suas inestimáveis contribuições trazem à tona algo que não podemos desconsiderar: a filosofia ubuntu faz parte de uma tradição cultural; mas não podemos confundi-la com a cosmovisão ubuntu.

3. UBUNTU EM TRÊS SUBÁREAS DA FILOSOFIA

Como foi mencionado, o filósofo sul-africano Mogobe Ramose tem sido um dos mais célebres expoentes do pensamento filosófico ubuntu. Sem dúvida, na segunda década do século XXI encontramos muitas formulações acerca de ubuntu. Ramose adverte-nos que existe um sentido aberto e popular de ubuntu. Mas todo seu esforço é trazer à luz ubuntu “no sentido estreito da filosofia como disciplina acadêmica. Nesta última acepção, o ubuntu tem três sentidos inter-relacionados básicos: como uma 1) ontologia, 2) epistemologia e 3) ética” (RAMOSE, 2010, p.8). Em linhas gerais, a ontologia ubuntu ramoseana remete-nos à pluriversalidade. Na filosofia ubuntu, o ser não é universal. O ser é pluriversal. A epistemologia é polirracional e a ética ubuntu pode ser caracterizada como interdependente.

Na tradição ocidental, a ontologia remete, em certa medida, basicamente à metafísica. A recepção de obras de Platão e Aristóteles, espe-

cialmente deste último por Andronico de Rodes que viveu no século I a.C. No terceiro livro da *Metafísica* de Aristóteles encontramos a definição de “filosofia primeira”. Platão nos diz que se trata de algo como “ciência das ciências”. Pois bem, no século XX, filósofos como Martin Heidegger e Gilles Deleuze usam o termo “ontologia” para designar o campo de questões da metafísica de modo mais frequente. De maneira mais ampla, tal como diversos filósofos contemporâneos, Mogobe Ramose também compreende que o objeto da ontologia é o ser. Mas destaca que “a ontologia do ubuntu, be-ing [em inglês, o verbo ‘ser’], diferentemente de being [o substantivo ‘ser’], não tem um centro” (RAMOSE, 2010, p.9). Na formulação ramosiana, a ontologia ubuntu coloca o particular como ponto de partida.

Ontologicamente, o Ser é a manifestação da multiplicidade e da diversidade dos entes. Essa é a pluriversalidade do ser, sempre presente. Para que essa condição existencial dos entes faça sentido, eles são identificados e determinados a partir de particularidades específicas. Assim, a particularidade assume uma posição primária a partir da qual o ser é concebido. Essa assunção da primazia da particularidade como modo de entender o ser é frequentemente mal colocada como a condição ontológica originária do ser. (RAMOSE, 2011, p.11).

A ontologia pluriversal é a filosofia ubuntu primeira, e, ao mesmo tempo a filosofia primeira ubuntu. Ou seja, no contexto filosófico ubuntu, mais do que proclamar a multiplicidade do ser, o que está em jogo é consagrar cada ente como ponto de partida essencialmente diverso dos outros entes. Mas, não se trata de uma ontologia da diferença ou do devir como nos diz Deleuze, ou ainda, o ente humano como abertura para escuta do ser, como propõe Heidegger. Para Ramose, uma ontologia pluriversal parte de temporalidades diversas e concomitantes: além do presente, o passado e o futuro fazem parte do ser. Por exemplo, a ancestralidade está presente como um ente que revela o ser, o passado está presente. Afirmar a pluriversalidade ontológica significa enfrentar a contradição do ser entendido como universal. Ramose diz que: “o universal, como um e o mesmo, contradiz a idéia de contraste ou alternativa inerente à palavra versus” (RAMOSE, 2011, p.10). A universalidade do ser pressupõe que a alternativa (versus) é única (uni), o que elimina o caráter das opções.

No aspecto ontológico da filosofia ubuntu, a pluriversalidade é um paradigma que parte das condições dos entes no que possuem de diverso enquanto condição de possibilidade para o ser. Não existe filosofia sem “cultura, sexo, religião, história ou cor” (RAMOSE, 2011, p.10). O ser é pluriversal porque existem universos simultâneos convivendo e se relacionando. No campo da ontologia, o objetivo da investigação filosófica ubuntu não é encontrar o que é idêntico em cada ente, ou afirmar que a diferença é o que atravessa todo ente. A ontologia ubuntu declara que a multiplicidade de seres revela que os universos são paralelos, as visões de mundo convivem e se co-habitam de modos variados, em disputa e de modo a produzir sincretismos simétricos e assimétricos.

No caso da epistemologia ubuntu, nós podemos falar em polirracionalidade. Se a epistemologia preconiza a consistência e validade do conhecimento, a filosofia ubuntu de Ramose é um convite perspectivista em que múltiplas racionalidades são reconhecidas como inevitáveis. A produção de conhecimento está vinculada às condições sócio-históricas e os mais diversos aspectos dos modos de racionalidade. Ramose argumenta que não existe “a” razão, mas racionalidades em contextos determinados e específicos. A epistemologia ubuntu combate o epistemicídio. Ramose argumenta no ensaio intitulado *A legitimidade da filosofia africana* como é relevante atentarmos para um dos problemas centrais nesse campo, a desqualificação injustificada que tem um caráter político para justificar a injustiça cognitiva pela qual as epistemologias não-ocidentais têm passado.

Os conquistadores da África durante as injustas guerras de colonização se arrogaram a autoridade de definir filosofia. Eles fizeram isto cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados. O epistemicídio não nivelou e nem eliminou totalmente as maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados, mas introduziu, entretanto, - e numa dimensão muito sustentada através de meios ilícitos e “justos” - a tensão subsequente na relação entre as filosofias africana e ocidental na África. Um dos pontos fundamentais da argumentação neste ensaio é investigar a fonte de autoridade que supostamente pertence ao Ocidente para definir e descrever, em última instância, o significado de experiência, conhecimento e verdade em nome dos povos africanos. (RAMOSE, 2011, p. 10).

O problema epistemológico é o não reconhecimento sistemático que visa eliminar a produção de conhecimento que não está dentro dos cânones ocidentais.

Quando o tema é a ética, não se trata de retomar exatamente as tradições éticas contemporâneas como utilitarismo e a filosofia kantiana.

No mundo ocidental contemporâneo, quando o assunto é ética, nós temos duas escolas que se tornaram mais influentes: o pensamento de Immanuel Kant (1724-1804) e a tradição filosófica utilitarista que tem expoentes filósofos britânicos Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). A ética kantiana tem sido classificada como sendo deontológica, isto é, baseada em princípios e normas. Kant estabelece o imperativo categórico como o único critério válido universalmente, isto é, a obrigação moral absoluta. O dever moral que todos os seres racionais devem obedecer. A filosofia de Kant compreende os seres humanos como entes racionais. Em virtude disso, o uso livre da razão implicaria necessariamente na obediência formal de leis universais. Ou seja, para Kant, o uso adequado da razão faz com que todos sejam seres éticos. Por outro lado, o utilitarismo opera a partir de um pressuposto em que bem-estar e mal-estar, originalmente descritos e entendidos como “felicidade” e “sofrimento”, são os guias fundamentais das ações humanas. Bentham e Mill propõem que o critério de avaliação de uma ação seja a “utilidade”, isto é, o que contribui para o bem-estar coletivo. Conforme Mills, “as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade, e erradas conforme tendam a produzir o oposto da felicidade” (MILL, 2000, p.187). Por felicidade, aqui denominada de bem-estar, se entende prazer e ausência de dor. Enquanto por sofrimento ou infelicidade, aqui denominada de mal-estar, se deve entender como dor e privação do prazer. (NOGUERA; BARRETO, 2008, p.635).

A ética ubuntu traz um axioma que caracteriza sua especificidade: “umuntu ngumuntu ngabantu”. A partir das leituras de Ramose, esta frase na língua xhosa pode ser traduzida como: uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas. Um aspecto relevante é que ser-pessoa não está restrita à condição de viventes; pessoas falecidas e que ainda não nasceram também são pessoas. A ética ubuntu leva em consideração a ancestralidade – pessoas já nascidas e que morreram – e a futuridade – pessoas que ainda não nasceram.

Outro elemento relevante está na formulação ramoseana de que os dispositivos da arquitetura conceitual da ética ubuntu, o conflito é inerente a todas as relações. A condição intrínseca às relações humanas e dos seres humanos com o meio ambiente é da ordem do conflito e da disputa, do ponto de vista ético ubuntu cabe a nós encontrar maneiras de enfrentar e conviver com as divergências que produzem os desentendimentos. Pois bem, como somos interdependentes, as nossas obrigações em relação às outras pessoas e vice-versa são a garantia de que cuidar de alguém é fazer justiça em relação à sua singularidade. Por isso, é importante criar e abastecer continuamente uma comunidade justa em que todos possam ser cuidados. Cada um deve doar, trocar e compartilhar suas melhores habilidades, corrigindo suas deficiências em prol de si e de sua comunidade. Não se trata de um imperativo, tampouco de um cálculo. Mas, de uma economia das relações.

4. ENSINO DE FILOSOFIA

No Brasil, desde 2003 uma série de dispositivos legais trouxe impactos para todos os níveis e modalidades de ensino. De início foi uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o texto inicial modificou o Art. 26-A, tornando obrigatórios conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas disciplinas de Artes, História e Literatura. Mas no ano seguinte, foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Então, veio o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2008). Em paralelo, a Lei 11.645/08 foi instituída para tornar obrigatórios conhecimentos de História e Culturas dos Povos Indígenas (BRASIL, 2008). Com efeito, a articulação das Diretrizes, Orientações e do Plano Nacional de Implementação visa confirmar, organizar e regular a obrigatoriedade de conhecimentos de História e Culturas Afro-Brasileira, Africana e dos Povos Indígenas na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior. Esse desafio está colocado para todas as instituições de ensino, sejam públicas (criadas ou

incorporadas, mantidas e administradas pelo poder público) ou privadas (particulares, comunitárias, confessionais e filantrópicas). A disciplina de Filosofia que compõe o quadro de disciplinas do ensino médio fica obrigada a atender as demandas legais de inserir conhecimentos de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e dos Povos Indígenas.

No quesito de conhecimentos africanos e afro-brasileiros, a leitura da filosofia ramoseana traz uma contribuição decisiva. O pensamento ubuntu ramoseano preenche uma lacuna nos modelos de ensino de filosofia. Um exame panorâmico a respeito dos livros didáticos aprovados no ano de 2018 pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) selecionou 8 obras: *Filosofando: Introdução à Filosofia*, de Maria Lucia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2016); *Iniciação à Filosofia: Ensino Médio*, de Marilena Chauí (2016); *Filosofia: experiência do pensamento*, de Silvio Gallo (2016); *Fundamentos da Filosofia*, de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes (2016); *Filosofia: por uma inteligência da complexidade*, Celito Méier; *Reflexões: filosofia e cotidiano*, de José Antônio Vasconcellos (2016); *Filosofia: temas e percursos*, de João Vergílio Cuter, Luiz Repa, Marco Valentim, Paulo Vieira Neto, Roberto Bolzani Filho e Vinicius de Figueiredo (2016); *Diálogo: primeiros estudos de filosofia: existência de sentido*, de Juvenal Savian Filho (2016). Numa análise de todas os livros, a menção à cultura e história africana, afro-brasileira e dos povos indígenas aparece de modo consistente muito pontualmente em menos da metade das obras.

Sem dúvida, as provocações de Ramose ajudam profundamente a fazermos uma releitura da própria história da filosofia ocidental. As considerações ramoseanas postulam como equívoca a ideia de que a filosofia existia exclusivamente na Grécia antiga no seu início.

Do ponto de vista da pluriversalidade de ser, a filosofia é a multiplicidade das filosofias particulares vividas num dado ponto do tempo. Excluir outras filosofias e negar seus estatutos simplesmente por conta de uma definição inerentemente particularista da filosofia como uma disciplina acadêmica significa anular a validade da particularidade como o ponto de partida da filosofia. (RAMOSE, 2011, p. 12).

Para Ramose, a questão da exclusão de produções filosóficas é de ordem política. Não se trata de uma decisão exatamente “técnica”. A exclusão de:

outras filosofias da “filosofia”, é que esta exclusão está em busca de outros fins que não a própria filosofia. Trata-se de uma tentativa de reivindicar para os protagonistas da exclusão o direito de ser o solo determinante do significado da experiência, do conhecimento e da verdade para todos. (RAMOSE, 2011, p. 12).

Uma proposta de aula de filosofia que tome Ramose como interlocutor é bem promissora, à medida que ela reivindica a radicalidade da atividade filosófica de não se deixar convencer por dogmas e idéias que não sejam radicalmente postas à provas. A filosofia ubuntu contribui para um percurso crítico de toda história da filosofia. A sua proposta pluriversal enriquece o debate filosófico, criando condições necessárias para que a aventura de aprender filosofia problematize a restrição frequente dos livros didáticos às escolas europeias e estadunidenses de filosofia.

5. CONCLUSÕES PARCIAIS

Este breve ensaio é um ponto de partida para um diálogo. A história da filosofia tem sido uma constante nas salas de aula. Mas, por motivos diversos: uma área sem respostas consensuais e que se caracteriza pela problematização radical das razões e princípios parece estar presa a algum dogma.

A filosofia ubuntu de Mogobe Ramose lança luzes a respeito da história da filosofia e pode se configurar como um mergulho na radicalidade do pensar filosófico. O que não deixa de ser um convite para o que denominamos de “o rastro da tartaruga”. O modo operacional da personagem da pequena história que abre este escrito tem uma série de peculiaridades que valem ser destacadas.

O exercício filosófico ubuntu encontra na história da tartaruga uma boa alegoria. A tartaruga encarna um espírito com três qualidades: 1ª) Não tomar a realidade como se estivesse imediatamente dada; 2ª) Surpreender-se com o óbvio; 3ª) Desbanalizar o que é banal. A sala de

aula é um palco relevante para que a filosofia possa ser feita no “rastros da tartaruga”. Na história, a tartaruga pergunta o óbvio: “a sopa está quente?”, mostrando insistentemente o que está “na nossa cara”. Mas não enxergamos, pois estamos presos às impressões primeiras. A tartaruga percebe que a sopa está quente, mas entende que as coisas se transformam. O mergulho na experiência de tomar a sopa não pode ser realizado sem que nos apropriemos dela, o que só pode ser feito se esperarmos as condições necessárias de saboreá-la.

A tartaruga encarna uma imagem da filosofia ubuntu no que ela tem de mais premente: não devemos parar de perguntar. As aulas de filosofia precisam começar com perguntas, aquelas que verdadeiramente habitam estudantes, capazes de levá-las a caminhar pacientemente em busca de novas perguntas. Estudar filosofia não precisa ser somente um exercício de adestramento na cultura letrada da área. Sem uma pergunta toda resposta faz pouco sentido. O letramento na área é relevante; mas o rastros da tartaruga ensina que antes de tudo devemos ter perguntas. Para quem lê, o convite é simples, se for docente ou estudante de filosofia: antes de qualquer coisa, não se esqueça de perguntar. É a lição da tartaruga.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2016.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 de março de 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006. (Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, v. 3).

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio*. Brasília: MEC/SEB, 1996.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2016.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2016.

FIGUEIREDO, Vinicius de (org.). *Filosofia: temas e percursos*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2016.

GALLO, Sílvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2016.

HEGEL, Georg W. *Filosofia da História*. Tradução de Maria Rodrigues, Hans Harden. Brasília: UnB, 1999.

MÉIER, Celito. *Filosofia: por uma inteligência da complexidade*. Belo Horizonte: Pax, 2010.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set./dez. 2018.

RAMOSE, Mogobe. A legitimidade da filosofia africana. *Ensaio Filosóficos*, Rio de Janeiro, UERJ, v. 4, p. 09-25, 2011.

RAMOSE, Mogobe. *African philosophy through ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999.

RAMOSE, Mogobe. The death of democracy and the resurrection of timocracy. *Journal of Moral Education*, Abingdon, v. 39, n. 3, p. 291-303, 2010.

SAVIAN FILHO, Juvenal. *Filosofia e Filosofias: existência e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VASCONCELOS, José Antonio. *Reflexões: Filosofia e cotidiano*. São Paulo: SM, 2016.